

A PRODUÇÃO VITIVINÍCOLA DA SERRA GAÚCHA – BRASIL E DE MENDONZA - ARGENTINA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA A LUZ DAS TEORIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

*Cilane Vieira*¹

*Carla Albert*²

*Izete P. Bagolin*³

RESUMO

A importância da localização das atividades produtivas e da população, bem como dos seus determinantes, tem recebido atenção crescente na literatura nas últimas décadas e, com isso, tornado ainda mais evidente a necessidade de um melhor entendimento da complexidade envolvida nesse debate. Desde os modelos pioneiros de Von Thunen e Weber até os mais recentes desdobramentos da Nova Geografia Econômica (NGE), muitos elementos tais como localização da mão-de-obra, minimização de custos, proximidade do mercado consumidor, etc. foram considerados “fundamentais” pelos teóricos envolvidos neste debate para explicar a localização das atividades e o desenvolvimento das regiões. Este estudo perseguiu dois objetivos principais. O primeiro deles foi discutir a aplicabilidade/adaptabilidade das teorias de desenvolvimento regional para explicar a realidade em foco. O segundo buscou analisar, comparativamente, as regiões escolhidas identificando os elementos determinantes que caracterizam o desenvolvimento das mesmas. Os resultados mostram que os modelos acompanharam a complexidade dos mercados de cada época e, portanto, servem como instrumento para analisar e entender o contexto de uma região em um dado momento e nortear as políticas públicas que visem o desenvolvimento regional.

Palavras-Chave: Vitivinicultura, localização espacial, modelos regionais.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar o setor vitivinícola nas regiões da Serra do Rio Grande do Sul - Brasil e Região de Mendoza - Argentina. O objetivo principal será verificar a adequabilidade dos modelos teóricos de crescimento e desenvolvimento regional. Dentre os modelos que serão estudados, pode-se citar: Cantillon; Von Thünen; Weber; Christaller; Lösch; Isard-Moses; Perroux; Hirschman, Hotelling e o Modelo da Base Econômica e Base exportadora.

O trabalho divide-se basicamente em duas amplas partes: A primeira parte abordará o surgimento da cultura da uva, nesta é feita apresentação sobre a imigração italiana no Brasil e na Argentina, além de uma breve análise de como a cultura da uva se desenvolveu até o processo de industrialização em ambas as regiões.

A segunda parte analisará cada modelo teórico e sua aplicabilidade na região serrana do Rio Grande do Sul e na região de Mendoza, seus aspectos e funcionalidade, ou mesmo, a não caracterização de alguns dos modelos.

O tema em questão foi escolhido por tratar-se de uma importante produção no Sul do Brasil e na Argentina, o qual vem logrando sucesso em seu desenvolvimento e também pela possibilidade de analisarmos um produto que os dois países produzem, mas com enfoque diferente, já que os vinhos produzidos em Mendoza têm demanda externa, maior do que o vinho produzido no Rio Grande do Sul.

1.1 Região da Serra Gaúcha - Brasil

A Região da serra possui uma área de 8.087 km² e está localizada a uma altitude média de 300 a 900 metros. O clima temperado caracteriza-se pela homogeneidade pluviométrica com alterações térmicas causadas pelo relevo. Atualmente, conforme os dados de 2005, possui uma população em torno de 800 mil habitantes com densidade demográfica ao redor de 100 hab/km².

A viticultura da Serra Gaúcha está ligada ao imigrante italiano que trouxe as mudas de videiras quando imigrou para o Brasil. A partir de 1875, ocorreu a imigração para a região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Com o processo imigratório, o Brasil teria seus problemas resolvidos pela substituição da mão-de-obra escrava na lavoura e pelo povoamento de áreas desocupadas, com ênfase ao desenvolvimento agrícola das regiões do sul do Brasil.

Em 1940, a agricultura vai sendo substituída pela indústria, que aos poucos diversifica sua produção, gerando mais empregos. A industrialização atrai novos contingentes de trabalhadores, migrantes de outros municípios da região. Enquanto Caxias do Sul avança rapidamente para a indústria da transformação, Bento Gonçalves e Garibaldi ampliam sua base industrial em produtos agrícolas, especialmente a agroindústria vinícola. À medida que se expandem as atividades industriais nas áreas urbanas, as populações dessas cidades crescem a taxas cada vez maiores. O crescimento regional também resulta em novos municípios, como por exemplo, Farroupilha, além de aumentar a circulação de dinheiro e mudar os hábitos e costumes dos moradores, assim como o poder de consumo. Enquanto na composição do PIB nos municípios serranos do Rio Grande do Sul cresce a participação da indústria, a diversificação da agricultura vai perdendo gradativamente sua importância para uma especialização em vitivinicultura.

A vitivinicultura brasileira evoluiu nas duas últimas décadas, e, hoje, produz vinhos de boa qualidade, e em breve, serão implantadas as primeiras Denominações de Origem Controladas do país. Os vinhos brasileiros estão classificados em dois níveis de qualidade: os vinhos de mesa e os finos de mesa.

1.2 Região de Mendoza - Argentina

Mendoza situa-se na região cuyana, no centro ocidental da República Argentina. Segundo as estatísticas de 2001, Mendoza possui uma superfície de 148.827 km², com população em torno de 1,5 milhão e densidade demográfica de 10,6 hab/km². A província apresenta um relevo com paisagens contrastantes, tais como, montanhas, travessias, glaciais, vulcões, cordilheiras,

lagunas e oásis, este último criação do homem. Região, hoje, explorada pelo turismo. Quanto aos oásis, é uma paisagem transformada pelo homem por sistemas de irrigação artificiais. Esse sistema aproveita a água da chuva e subterrânea para desenvolver áreas agrícolas. Nesses oásis também se concentram núcleos urbanos e zonas industriais.

A Província encontra-se dividida por 18 *departamentos* (distritos). A estrutura econômica de Mendoza se caracteriza pela produção e industrialização de produtos agrícolas. A principal atividade é a vitivinicultura, a qual encontra-se concentrada em General Alvear e San Rafael. A Região de Mendoza foi recentemente selecionada pela GWC (*Great Wine Global Network*), como umas das principais regiões mundiais em matéria de produção de vinhos.

A produção de vinho e afins gera uma média de 11 e 12 milhões de hectolitros, representando aproximadamente entre o 68% e 70% da produção nacional. Mendoza exporta anualmente produtos de valor estimado em 220 milhões de dólares. Os produtos são: vinho, mosto e frutas secas e maquinário industrial.

2 TEORIA REGIONAL VERSUS PRODUÇÃO VITI-VINÍCOLA DA ARGENTINA E DO BRASIL

Nesta segunda parte do trabalho, são analisados os diversos modelos desenvolvidos por estudiosos sobre crescimento e desenvolvimento regional. Buscou-se apresentar as análises dos modelos conforme a ordem cronológica de surgimento dos mesmos. É importante lembrar que a dimensão espacial não recebeu a devida importância ao longo do desenvolvimento da teoria econômica convencional, somente a pouco mais de um século, iniciou-se uma corrente voltada para a consideração do espaço na análise do desenvolvimento.

As tentativas de explicação da distribuição espacial começaram pelas descrições das observações recolhidas. Com o passar do tempo, a complexidade das regiões e as interações inter-regionais aumentaram, e com isso a definição de região também se modificou. Hoje, a localização tem sua

razão de ser nas interdependências existentes entre os elementos que interessam ao fenômeno em análise. A seguir, serão apresentados os principais modelos citados anteriormente, inserindo-os à realidade das regiões da Serra Gaúcha e de Mendoza no cultivo da vitivinicultura.

2.1 Modelo de Cantillon – Pioneiro em Organização Espacial – 1755

Cantillon foi o pioneiro dos modelos explicativos da organização espacial da sociedade. Sua teoria foi desenvolvida tendo como base a observância de que as aldeias se situavam em áreas mais ou menos amplas onde os seus habitantes desenvolviam basicamente atividades agrícolas. Quando a produção agrícola gerava um excedente, este era transacionado em uma aldeia próxima, chamada de burgo (centro comercial). Essas aldeias também forneciam os bens necessários à produção agrícola que a rodeava. Conforme cresciam, as aldeias (burgos) se transformavam em cidades (LOPES, 2001).

Comparando a fase inicial de desenvolvimento da região serrana do Rio Grande do Sul, verifica-se que existem semelhanças com o que Cantillon chamava de aldeia. A imigração italiana localizou-se na parte nordeste do estado, em função de ser o local mais próximo de Porto Alegre, pois a região ao redor da capital já se encontrava ocupada e bem desenvolvida pelos imigrantes alemães.

Além da agricultura, desenvolviam-se outras atividades necessárias para manter o mínimo de condições de vida na região. Estas atividades, denominadas de funções essenciais, por Cantillon, dentre as quais podemos citar as atividades de marcenaria, carpintaria, farmácia, pedreiro, entre outros. Com o passar do tempo e do aperfeiçoamento das técnicas, a produção agrícola cresceu e formou um excedente, o qual passou a ser comercializado em outras regiões. Esta comercialização se deu em Porto Alegre, que é a capital prevista por Cantillon, onde existia um forte centro comercial operado pelos alemães.

Na Província de Mendoza, devido à baixíssima presença populacional no início do século XX, a teoria de Cantillon explicaria em parte a localização das plantações de uva e num segundo momento, da indústria de produção de

vinhos atualmente existente. O principal mercado dessa indústria é disperso em toda a Argentina, e também no exterior. A questão relevante nesta realidade mendocina seria a questão levantada por Cantillon da proximidade do local de trabalho (campo) em relação à mão-de-obra.

2.2 - O Estado isolado de Von Thünen e a realidade das regiões em estudo

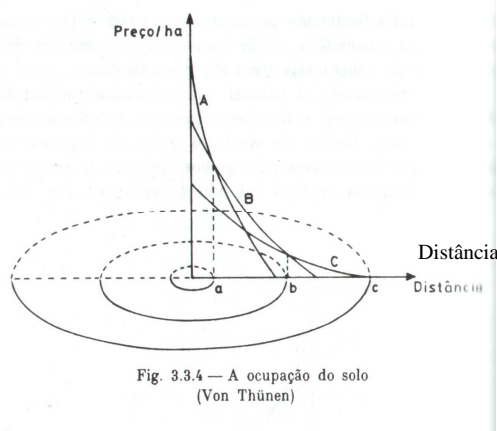
Em 1826, o economista alemão Johann-Heinrich Von Thünen criou o primeiro modelo que tratava da questão espacial na produção agrícola. Tal modelo considerava a existência de concorrência quanto a usos alternativos do solo para a agricultura, isolando os fatores econômicos mais relevantes e procurando simplificar a realidade com a adoção de hipóteses de uniformidade como viria a fazer Christaller. Além disso, representou a situação de localização espacial através de círculos concêntricos, os quais ficaram conhecidos como os anéis de Von Thünen (LOPES,2001),

Von Thünen [(1826), 1966] relatou a importância do custo de transporte dos produtos agrícolas na composição dos preços finais dos mesmos. De acordo com a teoria de Thünen, produtos agrícolas que apresentassem preço elevado deveriam estar localizados próximo dos centros de comercialização. A expressão “O Estado Isolado” ao qual Von Thünen se referia significava uma região fechada e não admitia mais do que um mercado.

Na Figura vê-se o ordenamento das culturas em círculos concêntricos. Segundo Von Thünen [(1826), 1966], esse ordenamento ocorrerá ao redor da cidade e em função da renda fundiária associada a cada parcela de terra que é cultivada. O autor ainda destaca que na zona adjacente à cidade, o cultivo será, basicamente, de produtos mais perecíveis, e conforme aumenta a distância do centro urbano, a produção destinará a produtos mais resistentes ao transporte.

Nesse modelo, Von Thünen [(1826), 1966] considerou que o único fator a diferenciar o custo de produção é o custo de transporte do produto até a cidade. Para Costa (2002), se considerarmos os diferentes graus de fertilidade de cada solo, haveria uma deformação nos círculos que tenderiam a se

alongar, formando elipses em direção aos eixos de maior fertilidade das terras. Portanto, o modelo de Von Thünen dificilmente se traduziria inteiramente na realidade.



Fonte: Lopes (2001, p. 164)

FIGURA 1 A ocupação do solo - Anéis de Von Thünen

No que se refere a Serra Gaúcha, a aplicação do modelo de von Thünen poderia ser apenas parcial. Pode-se supor que os imigrantes italianos além de considerar o clima e o relevo em suas decisões de plantio, consideraram a distância entre o cultivo e o centro de comercialização mais próximo, no caso, Porto Alegre. Dado que a região tem características bastante homogêneas, tais como, tipo de solo, clima e temperatura, possibilitou a formação dos círculos concêntricos, principalmente, no início do cultivo da uva pelos imigrantes, quando a terra ainda era pouco explorada.

A decisão sobre o desenvolvimento da vitivinicultura gerou a uniformidade da região quanto às características de produção. Até hoje, é uma região considerada vitivinícola, produzindo 90% do mercado nacional, composta por 28 municípios. Embora os custos de transporte tenham mudado consideravelmente, assim como o problema da distribuição espacial das produções agrícolas, com as quais tanto Von Thünen se preocupou, também mudaram.

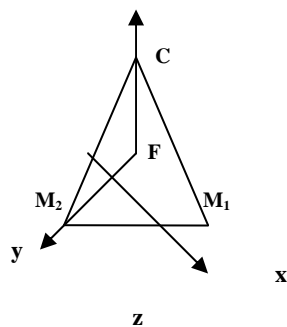
Aplicando o Modelo postulado por Von Thünen, na distribuição espacial da produção de vinho na Província de Mendoza, constata-se que: a região produtora de uvas e de vinho, não se encontra no limite de nenhum grande centro; o fator transporte até o mercado consumidor não afeta de modo tão

significativo a renda fundiária, ao ponto que justificasse ou não a escolha da Província como produtora de vinho; há sim lucro para o agricultor e para a indústria, mesmo estando longe do mercado consumidor ou mesmo do ponto de distribuição da mercadoria (porto ou fronteira); na consideração de existência de terras com fertilidades diferentes e que, essas terras, estariam afastadas dos grandes centros, compensando o custo de transporte com a alta fertilidade que resulta na obtenção de receita maior, podemos ponderar que, visto a criação de “oásis” não encontramos disparidades na questão fertilidade da terra.

2.3 O modelo de Weber e a localização industrial – 1909

O economista alemão Alfred Weber desenvolveu um modelo que tratava dos custos mínimos de localização, o qual conceituou como fator locacional. Seu objetivo foi obter uma teoria que explicasse a escolha locacional da indústria. Para isso, foi necessário distinguir os fatores (economias de custo) que se referem a uma ou poucas indústrias, o qual Weber denominou de fatores específicos, daqueles que são capazes de influenciar os custos de qualquer atividade industrial, que foram chamados de fatores gerais. São eles: a) o custo do transporte, onde os custos de transporte de insumos (inputs) e de produtos finais (outputs) sejam mínimos (localização ótima); b) os custos do trabalho; c) vantagens associadas à aglomeração referem-se à redução de custo que uma empresa de certa indústria auferir ao se localizar junto a outras empresas da mesma indústria. Da teoria de Weber, surgiu o triângulo locacional (Lopes, 2001), Costa (2002).

Na Figura 2 é mostrada a existência de duas matérias-primas na produção (M_1 e M_2), o mercado consumidor está representado por “C” e a localização da fábrica por “F”. Mantendo tudo o mais constante (*ceteris paribus*), a decisão de onde localizar a unidade produtiva, baseado na localização dos três fatores (M_1 e M_2 e C), será em um ponto interno do triângulo, cujos custos de transporte atinjam o nível mínimo. Ou seja, a intenção, segundo Weber [(1909), 1957], é obter o menor custo total de transporte possível.



Fonte: Costa (2002, p. 75) e Lopes (2001, p. 51 e 175).

FIGURA 2 Triângulo Locacional de Weber

Lopes (2001) exemplifica mostrando que o modelo de Weber busca minimizar a equação $M_1x + M_2y + Cz$ em que x , y e z são os valores do custo de transporte de cada fator envolvido no processo.

Ao analisar o triângulo locacional na Região da Serra Gaúcha, verifica-se a adequação do modelo para a época inicial do desenvolvimento da região. Os viticultores perceberam que seria mais lucrativo se eles próprios produzissem o vinho, ao invés de realizar a venda da uva in natura para outro centro. Além de reduzir as perdas de uvas, devido ao transporte precário, agregariam valor ao produto e este seria mais resistente ao transporte.

Neste contexto, a localização das vinícolas na Serra Gaúcha abrange os três fatores propostos por Weber: 1) o custo de transporte da matéria-prima seria baixo; 2) os custos do trabalho, também seriam reduzidos, pois as indústrias teriam à disposição pessoas capacitadas em viticultura; 3) as vantagens de aglomeração, em que o custo de transporte do produto final seria reduzido, visto que as firmas poderiam dividir esses custos entre si, e assim obter melhores condições de competir no mercado. Foi justamente a especialização dos imigrantes italianos na produção de vitivinicultura que venceram a concorrência com os imigrantes alemães. Cabe salientar, que naquela época os consumidores eram concentrados em centros de comercialização, e em razão disso, o modelo teórico de Weber era aplicável.

Analisando a distribuição espacial da produção de vinho em Mendoza, poderíamos salientar a aglomeração das empresas numa mesma região e ao mercado de trabalho, o que se confirma em relação à produção de vinho.

Essas empresas localizadas próximas entre si, do mercado fornecedor de mão de obra e dos insumos necessários à produção, são aspectos que ocorreram não pela questão da minimização do custo de transporte em relação ao mercado consumidor, mas pela mão de obra especializada e as condições (solo, clima, relevo) necessárias à plantação, encontradas na região de Gral Alvear.

2.4 Os lugares Centrais de Christaller

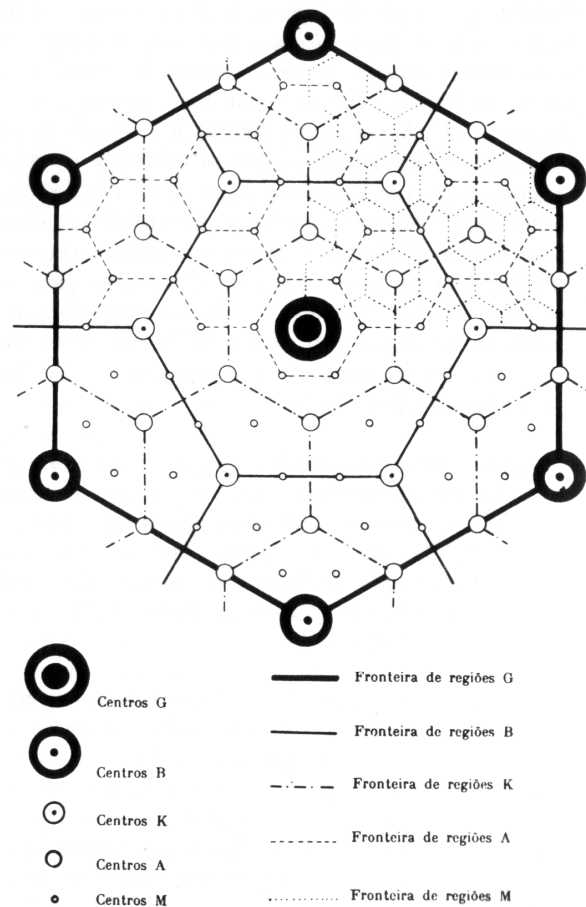
Walter Christaller, geógrafo, realizou sua construção teórica para explicar a questão do tamanho, do número e da distribuição das cidades que se encontravam distanciadas ainda que na forma homogênea. Seu estudo é um seguimento da teoria de Cantillon e de Von Thünen, a fim de determinar a distribuição ótima das cidades enquanto lugares centrais, isto é, como lugares que proporcionam serviços às áreas instaladas ao redor (Costa, 2002).

Seu modelo fundamenta-se na idéia de centralidade e de hierarquia urbana na formação das áreas de mercado. Explicou seu modelo utilizando a figura hexagonal, a qual refere-se à distância que os consumidores estão dispostos a percorrer para adquirir um bem ou utilizar um serviço. Christaller demonstrou que um padrão homogêneo de distribuição de lugares centrais pode ocorrer admitindo a existência de concorrência entre centros para servir as áreas envolvidas.

Ao pensar a Região da Serra a partir da teoria de Christaller, observa-se que as regiões se formam de maneira homogênea, conforme suas características e seus interesses. Os imigrantes italianos da Serra Gaúcha observaram que o clima e o relevo, parecido com o da Europa, propiciava o cultivo de uva, criando uma produção uniforme de viticultura. A idéia de Christaller de centralidade consiste em que os centros são locais onde se efetuam as transações comerciais, em que os produtores rurais vendiam seus excedentes em um centro maior, no caso em Porto Alegre, o qual foi referido por Christaller como o hexágono da distribuição.

Na Figura 3 a seguir, é mostrada a integração entre hexágonos menores, os quais formarão um hexágono maior. Segundo Christaller (1933), a idéia de centralidade se refere à organização da comunidade em determinados

pontos, ou núcleos urbanos, e que as atividades econômicas e sociais tendem a se aglomerar em centros, denominados de cidade. Ou seja, a função de um centro urbano é o de servir como lugar central para o comércio de bens e serviços dentro de sua área de alcance máximo. Sendo assim, um povoado forma um centro menor, a seguir forma-se uma vila com um centro um pouco maior que o do povoado, daí se forma o centro de uma cidade, e assim sucessivamente conforme aumenta a área de atuação de cada centro.



Fonte: Christaller (1933, p.66).

Figura 3 A paisagem dos lugares centrais - Hexágono de Christaller

Costa (2002) explana que cada centro corresponde a um círculo, cujo raio seria determinado pela ponderação entre a força de vontade do consumidor de frequentar esse centro e o seu esforço de deslocamento, medido pela distância ou custo de transporte. Desse modo, o limite do círculo se dará quando o esforço de deslocamento se iguala a força de vontade do

consumidor. Nesse sentido, o aparecimento de novos centros (círculos) sobrepõe-se parcialmente sobre os círculos de mercado existentes, resultando em figuras de hexágonos. Esses pontos de sobreposição correspondem a zonas de indiferença para o consumidor, pois ambos minimizam seu esforço de deslocamento.

Outro ponto observado é que existia uma distância limite para o bem ser percorrido. Em razão disso, essa região realizava suas transações no centro da capital, por ser o centro que se encontrava mais próximo. A hierarquia dos lugares centrais de Christaller era apropriada, pois com a inexistência de estradas e infra-estruturas adequadas para o escoamento do excedente da produção agrícola, tornava-se inviável efetuar transações comerciais em centros mais distantes. Atualmente, as distâncias deixaram de ser um obstáculo para a comercialização dos produtos, aumentando o poder de concorrência.

Aplicando o modelo para análise da distribuição espacial e que os centros têm suas áreas de influências, na qual vende bens e serviços e assim, a população total é atendida, com centro tendo uma função específica no fornecimento de bens e serviços, essas afirmações vão ao encontro com a relação entre produção e mão de obra na região de Gral Alvear. Isso se forem considerados consumidores de mão de obra as plantações de uva e as adegas que demandam serviços e mão de obra dos centros urbanos - médios e pequenos – já que as cidades do departamento de Gral Alvear são pequenas e uma relativamente perto da outra. Por não abordar o papel da industrialização, não há como analisar, neste modelo, a importância da indústria de produção de vinho no tangente a localização espacial.

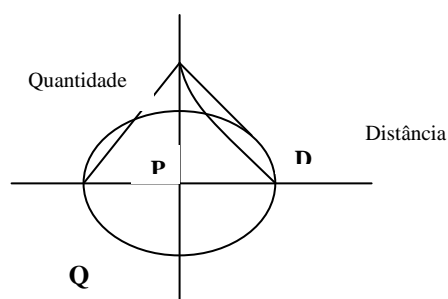
2.5 Modelo de Lösch – Lugares Centrais e Áreas de Mercado

De acordo com Lopes (2001), em 1940, August Lösch propôs um modelo de equilíbrio geral do espaço que deveria servir de orientação básica para o planejamento eficiente. Ao contrário dos estudiosos que o antecederam, Lösch considerava que a escolha locacional deveria buscar o maior lucro possível e não o menor custo. Criou o Cone da Demanda, o qual baseia-se na

idéia de ausência de concorrentes e que o número de produtores está de acordo com o mercado que atendem.

Seu modelo propõe uma hierarquia entre as áreas de mercado inverso ao de Christaller, ou seja, no sistema de Lösch, começa-se pelas áreas menores e induz sucessivamente a áreas de mercado maiores. Lösch entende que existem economias de aglomeração que tendem a agrupar as empresas produzindo bens para diferentes mercados. A maior flexibilidade admitida por Lösch veio permitir maior diversidade de arranjos espaciais das regiões complementares, os quais referem-se as localizações dos fornecedores de insumos.

Na Figura 4 exposta abaixo, demonstra o Cone da Demanda criado por Lösch. Sendo a área circular o mercado atendido por um único produtor, e cada curva da procura corresponde a um determinado consumidor. A rotação dessas curvas sobre o eixo das ordenadas formará o Cone da Demanda. Verifica-se, também, através da curva da procura, que quanto mais o consumidor se distancia (D) do produtor (P), menor é a quantidade adquirida do produto (Q), visto que, o preço aumentará decorrente dos custos de transportes. Segundo Costa (2002), Lösch, ainda, afirma que o mercado com vários produtores de um mesmo bem formará uma rede de hexágonos. Ou seja, cada área circular de um produtor se comprimirá para a forma de hexágono. Logo, cada hexágono terá no centro seus distintos produtores. Se o mercado for de concorrência perfeita, os hexágonos terão o mesmo tamanho de áreas de mercado. Cabe destacar, que diferentes bens formarão diferentes redes de hexágonos.



Fonte: Costa (2002, p. 79).

FIGURA 4 Cone da Demanda de Lösch

Ao transportar o modelo de Lösch para a Região Serrana Gaúcha, observa-se que parte do processo já foi explicada pelo modelo de Christaller, tais como os hexágonos. Seu modelo veio dar uma flexibilização ao modelo de Christaller.

Considerando que Lösch inicia sua análise dos mercados menores para os maiores, pode-se comparar que a localização das indústrias do vinho se deu em virtude da localização primeiramente dos produtores de uva, os quais atendiam um mercado menor e com o avanço das técnicas de produção (maior impulso em 1967) foram aumentando sua participação no mercado, inclusive atendendo a outros mercados consumidores. Com o surgimento das vinícolas, o hexágono da Serra expandiu-se, e como conseqüência veio o crescimento do setor. Cabe salientar, que o hexágono maior referente às vinícolas trabalha em conformidade com o hexágono menor o qual refere-se a produção da viticultura.

Outro ponto a salientar diz respeito à inversão de valores proposta por Lösch. Enquanto os estudiosos concluíam que as firmas se localizavam onde os custos fossem minimizados, Lösch dizia que as empresas decidiam sobre a localização de suas fábricas, onde obteriam maiores lucros. O mesmo ocorre com os viticultores da Serra Gaúcha, os quais somente consideraram passar para a fabricação de vinho, após verificarem a possibilidade de maiores ganhos.

Importante ressaltar a ótica de Lösch, o qual desenvolve a procura pela maximização do lucro e não a minimização dos custos. O segundo e o terceiro modelo postulados por Lösch, podem ser aplicados à realidade da indústria vitivinícola da região sul de Mendoza. Empresas do mesmo ramo estão concentradas/ localizadas no mesmo território e o centro consumidor não está no mesmo território. O terceiro modelo é representado por empresas que possuem a matéria prima próxima e isso é verificado no caso de Mendoza.

2.6 Modelo de Isard-Moses-Integração das Teorias de Localização e de Produção

Tanto o modelo de Isard quanto o Modelo de Moses são voltados para a integração das teorias de localização e de produção, contrapondo o modelo de

Weber em alguns aspectos. Na verdade, o modelo de Isard-Moses seria uma seqüência do modelo de Weber. Partem do pressuposto que o custo de transporte é em função da distância, e que a firma deverá se localizar onde o custo de transporte dos insumos é mais elevado, com a finalidade de reduzir suas despesas na produção do produto final (Costa, 2002).

Enquanto que para Weber os insumos são utilizados em proporções fixas, para Moses as quantidades de cada insumo são variáveis, o que significa que haverá possibilidade de substituição de algum insumo na produção. A alteração da localização ótima de uma firma, para Moses, somente seria realizada se houver algum tipo de mudança no contexto em que está inserida, tais como, tecnologia de transporte ou localização dos insumos. Verifica-se que o modelo de Moses não se preocupa em estar próximo do mercado consumidor, mas com a produção, pois, esse modelo, diferentemente dos anteriores, visa o atendimento a múltiplos mercados.

No caso da Serra Gaúcha, as vinícolas também se concentraram próximas às áreas de cultivo de vinhas, ao invés de se localizarem ao redor do centro de comercialização. Em virtude das primeiras vinícolas serem de propriedade dos próprios viticultores, estes não tiveram interesse em localizar suas indústrias fora da área de plantio, para estar mais perto do mercado consumidor. Dessa forma, obtiveram, além do menor custo de instalação, um custo zero de transporte dos insumos, neste caso as uvas, o que no preço final do produto (vinho) resultava em melhor preço para competir no centro de comercialização.

Na composição dos fatores, que levaram a Província a se destacar na produção de vinhos, por Isard foram constatados, não necessariamente na mesma ordem postulado pela teoria. Questões como malha de transporte, imigração, desenvolvimento das exportações, conjugação de vários fatores naturais e de natureza cultural, expansão da industrialização para outras áreas da região, levando a infra-estrutura interna de meios de transporte (hidrovias, ferrovias, rodovias), a atração de novas indústrias para a área em expansão, alteração da estrutura hierárquica dos centros urbanos regionais com o surgimento de economias externas em centros intermediários mediante implantação de infra-estrutura e do crescimento demográfico.

Enquanto o centro urbano principal da região especializa-se em atividades comerciais, de prestação de serviços, culturais e administrativas, em última instância, tende a apresentar um crescimento poli nuclear e despolarizado. A região que mais produz vinho, coincidentemente, é a mais afastada da capital, é o departamento que esta mais ao sul da província. A parte sul é abastecida com importantes rios, mão de obra qualificada alocada nas imediações desses centros de médio e pequeno porte onde são plantadas as uvas e localizadas as adegas.

2.7 Modelo de Perroux – Pólos de Desenvolvimento – 1955/1956

A teoria do economista francês François Perroux, a qual mostra-se voltada exclusivamente para industrialização, baseia-se no fato de que o crescimento acontece em pontos concentrados de uma região, de uma forma heterogênea, ou seja, o desenvolvimento de uma região não é uniforme, mas polarizado.

A estes pontos de concentração, Perroux denominou de Pólos de Desenvolvimento. Nestes Pólos estariam inseridas as indústrias, que o autor classificou como motrizes, as quais pela especialização e avanços tecnológicos, conforme as possibilidades da época influenciam na produção das demais indústrias, denominadas pelo mesmo como movidas.

Em síntese, Perroux inspirou-se em Schumpeter, ao afirmar que o crescimento de uma região econômica não resulta do fluxo circular da vida, mas do crescimento heterogêneo entre as regiões, embora internamente sejam homogêneas, em que as mais desenvolvidas influenciam as demais.

Aplicando a teoria de Perroux no contexto do nordeste do Rio Grande do Sul, observa-se uma polarização vinícola, a qual foi responsável pelo desenvolvimento da região. A especialização dos produtores, com o intuito de vencer a concorrência com os imigrantes alemães, que também desenvolviam a viticultura, acarretou em avanços na produção de vinhos. Dessa forma, a Serra apresentou crescimento acelerado superior às diversas regiões do Estado, e em conseqüência, criou a necessidade de investimentos em infraestrutura que permitisse um adequado escoamento dos produtos. Houve

construções de estradas, ferrovias, instalação de energia elétrica, dentre outros, o que despertou o interesse de empresários em investir na região.

O departamento Gral Alvear pode ser denominado como um pólo positivo na Província de Mendoza. O exemplo de Mendoza mostra que o efeito da polarização na área geográfica circunvizinha pode ser positivo, já que praticamente todas as regiões vizinhas ganham com essa indústria. Tradicionalmente, a província não tem cultura agropecuária forte, conforme se constata em outras províncias argentinas. Questões como relevo e solo, dificultam a criação de gado intensivo e extensivo. Atualmente, a região vinícola, destaca-se também pelo atrativo turístico, onde apreciadores de vinho, visitam as adegas nos festivais de degustação que são promovidos pelas cidades.

2.8 Modelo de Hirschman – Os Efeitos para Frente e para Trás – 1958

O economista alemão Albert Hirschman também tratou da teoria de aglomeração. Segundo o próprio Hirschman (1958, p. 18), “os recursos e circunstâncias cuja existência se demonstrava necessária ao desenvolvimento econômico não são nem escassos nem tão difíceis de obter desde que o desenvolvimento econômico primeiro se manifeste”.

Sua teoria baseia-se na idéia da existência de duas partes principais para que aconteça o desenvolvimento, uma com o governo, responsável pelas implantações de políticas que criem condições de expansão econômica, e a outra parte seria os empreendedores, os quais teriam incentivos em investir na região, instigados pelas políticas públicas em vigor. Hirschman não acredita que o desenvolvimento em regiões atrasadas aconteça de forma espontânea, mas que, a região avançada se desenvolveria de forma crescente, enquanto que a região atrasada permaneceria em situação de estagnação.

Analisando a teoria de Hirschman no desenvolvimento da Região Serrana Gaúcha, observa-se que houve um ciclo vicioso positivo, em que os produtores ao decidirem também pela fabricação de vinho pressionaram o governo para a aplicação de investimentos em infra-estrutura, no que diz respeito à construção de estradas, pontes, ferrovias, entre outras. Ao executar

as operações com infra-estrutura gerava um incremento no interesse por parte dos empreendedores da região ou vindos de outras regiões, tanto produtores como fornecedores de insumos, e assim sucessivamente foram criadas as condições de expansão desenvolvimentista na Região da Serra. Verifica-se que a Região Serrana é um exemplo real de que a teoria de Hirschman tem fundamento econômico a ela associado.

O desenvolvimento da produção de vinhos em Mendoza encontra fundamentos no modelo de Hirschmann. A presença do Estado e das políticas que criaram e criam condições de expansão econômica e dos investimentos realizados em infra-estrutura (ferrovia que ligava Mendoza ao litoral argentino, usinas, projetos de irrigação, captação de mão-de-obra especializada), possibilitou posteriormente o desenvolvimento da região. Com esses investimentos os imigrantes tiveram a possibilidade de aprimorar a produção e, em um segundo momento, exportar a produção para fora da região e do país.

2.9 Modelo de Hotelling – Modelo de Competição Espacial – 1929

Harold Hotelling baseou sua teoria em que as firmas ao definirem sua localização ótima, consideram a localização da concorrência, com o objetivo de ganhar vantagem competitiva, que ocorre quando há a estratificação de mercado.

Hotelling salientou que a aglomeração industrial de firmas que produzem os mesmos produtos ocorrerá somente se a competição for não-preço, isto é, quando a competição for para conquistar uma fatia maior de mercado, onde os preços são usados para indicar a qualidade do produto e para que tipo de consumidor foi produzido, neste caso, os preços são fixos, embora diferenciados entre si (McCann, 2002)

Hotelling também explicou os movimentos do bem-estar social. Ressaltou em seu modelo que os consumidores que estão próximos ao centro do mercado terão maiores benefícios. O mesmo ocorre quando a firma se desloca pelo mercado, os consumidores que estavam afastados, agora se encontram próximos, obtendo um ganho no bem-estar, enquanto que os consumidores que antes se situavam perto das firmas, perdem seu bem-estar por estarem em uma posição mais distante. O resultado será uma perda no

bem-estar social. Conforme a Teoria dos Jogos, não haverá Eficiência de Pareto visto que para melhorar a situação de um jogador deverá piorar a de outro.

Analisando o modelo de Hotelling em relação a situação da Serra Gaúcha, verifica-se que a aglomeração industrial foi realizada em virtude da produção de produtos iguais, em que a diferença de preços realmente indica a qualidade do produto, onde dependendo do tipo de vinho produzido, haverá um valor diferenciado no produto final a ser colocado no mercado.

Essa situação não gerou descontentamento entre os fabricantes de vinho, pois cada qual se especializou na confecção de um tipo ou mais de vinhos, de acordo com o público o qual pretendia atingir e também pelo cultivo que realizava. O resultado dessa aglomeração industrial, conforme previa Hotelling, foi de convivência harmoniosa, a qual criou forças para enfrentar os obstáculos surgidos no início de uma mudança no desenvolvimento regional, onde o cenário econômico era estritamente agrícola para a inserção de indústrias.

Analisando as hipóteses do modelo e o objeto do estudo, não foi verificada uma relação que justificasse a inclusão do Modelo de Hotelling à análise da distribuição espacial da produção de vinho. Partindo do pressuposto que as firmas estão localizadas numa mesma região e não reagem em períodos de tempos diferentes, já que a plantação, colheita e envio a indústria se dá na mesma época. Mesmo sendo firmas diferentes, o tempo que transcorre para o amadurecimento, relevo, clima, intempéries que a matéria-prima esta sujeita, é o mesmo para todas as firmas.

3 O MODELO DA BASE ECONÔMICA E BASE EXPORTADORA

O Crescimento econômico depende da capacidade exportadora da região, na qual a demanda externa insatisfeita é o motor do desenvolvimento regional, devido às vantagens comparativas da região em relação à região importadora.

A região vive da procura externa e a ela deve adaptar-se para sobreviver. Essa atividade exportadora, deriva da presença da atividade básica da região. Cada

unidade monetária proveniente dessas exportações realizadas pela região dinamiza outras atividades, desde que reinvestido.

Em três anos, anteriores a 2005, os investimentos na indústria vinícola foram de R\$ 213 milhões, o que tem posicionado o Brasil em mercados até então ocupados por outros países. O Projeto Setorial Integrado (PSI) de Exportação de Vinhos e Derivados do Brasil (chamado de Wines from Brazil), surge em 2004 com o objetivo de incrementar as exportações de vinhos. O Planejamento Estratégico projeta que, em 20 anos (2025), o Brasil esteja exportando 20% de sua produção. Sendo que as vendas para o mercado externo, na atualidade, não chegam a 1% do total da produção.

O espumante fino deverá ser um dos 'carros-chefes' em busca do mercado internacional. Um ponto forte neste sentido é o seu reconhecimento em âmbito internacional. Quanto aos vinhos finos, os desafios são os mesmos. Com relação ao suco de uva, outro produto vinícola nacional de muito boa reputação, a intenção é o Brasil ser, em 2025, o maior produtor mundial.

Em Julho/2004 foi feito um acordo comercial entre o Brasil e a Argentina, a fim de viabilizar o estabelecimento, no Mercosul, de um Imposto de Importação em Valor Específico para Terceiros Países e o combate ao contrabando de vinhos e criar ações conjuntas de promoção institucional e ampliação de mercado para os dois países.

Já a Província de Mendoza, é tradicionalmente “exportadora” para regiões dentro da própria Argentina como também para fora do país. Analisando os dados tanto da produção de vinho, quanto da exportação do produto, Mendoza é líder em ambas categorias. Devido às características de clima, solo, hidrografia e recursos humanos, Mendoza, após o desenvolvimento da indústria do vinho, consolidou-se como *cluster* turístico: belezas naturais (atividades de pesca, rotas silvestres, estações de esqui, etc.) e de degustação de vinhos.

A especialização na produção gerou uma forte indústria vitivinícola, que conseqüentemente gerou superávit à Província (em termos regionais inclusive), que desencadeou um novo “pólo” de serviços – turísticos.

4 PAPEL DO CAPITAL SOCIAL

Utilizar o conceito da Capital Social para explicar questões referentes ao funcionamento da sociedade não é novidade nas mais diversas áreas do conhecimento. Apesar de não ser possível saber exatamente quando surgiu o conceito de capital social, sabe-se que a partir da década de 80 as citações de trabalhos utilizando o conceito de Capital Social vêm crescendo de forma exponencial, como pode ser visto em Monasterio (2002:11). Segundo o qual, o leque de objetos avaliados a partir da abordagem do Capital Social é amplo, perpassando por avaliações tais como as diferentes taxas mundiais de crescimento até questões referentes a crianças de rua de Moscou. Amplo também é o leque de áreas acadêmicas que utilizam essa abordagem, partindo de áreas como filosofia até áreas mais voltadas ao processo produtivo como Administração de empresas.

Putnam (1993, p.167) definiu capital social como “fatores da organização social, tais como *trust*, normas e redes de trabalho que podem melhorar a eficiência da sociedade facilitando ações coordenadas”. Tão ampla quanto sua utilização têm sido as discussões em divergências quanto ao verdadeiro conceito do que é capital social⁴. Por não ser objetivo deste trabalho tomar partido nesta discussão o conceito assumido é o apresentado por (Woolcock, 2000, p. 9) que diz que: “Capital Social refere-se as normas e redes de trabalho que facilitam a ação coletiva⁵”. Com esta definição ampla Woolcock busca, de certa forma, uma convergência entre os conceitos apresentados além de contemplar a gama de trabalhos que já foram desenvolvidos utilizando o conceito, algumas vezes de forma mais restrita, outras de forma mais ampla.

As três modalidades de capital social e suas respectivas definições conforme Putnam (2000, p. 22) são: 1) *Bonding social capital* referente a grupos homogêneos, caracterizando vínculos entre agentes de mesma posição; 2) *Bridging social capital*, presente em grupos mais distantes e é caracterizado pelos chamados laços fracos entre agentes de grupos sociais distintos; 3) *Linking social capital*, refere-se às ligações verticais entre os pobres e pessoas em postos de decisão em organizações formais.

A utilização do conceito de capital social para analisar o desenvolvimento de regiões tem sido crescente e se revelado bastante útil. A

análise das diferenças de potencial e capacidades de planejamento e organização na Itália serviu de inspiração para muitos trabalhos posteriores em diferentes partes do mundo. Tendo em mente estas aplicações, pretende-se destacar no presente trabalho a importância que o capital social exerceu e ainda exerce no desenvolvimento das regiões em análise.

Apesar dos modelos apresentados e discutidos auxiliarem no entendimento do processo de constituição, consolidação e desenvolvimento das duas regiões em análise acredita-se que o capital social exerceu um papel fundamental, especialmente, nos períodos iniciais do processo de desenvolvimento. Ambas as regiões foram formadas por imigrantes italianos, que para enfrentar as dificuldades impostas pelo processo de adaptação e escassez inicial de recursos, desenvolveram laços de solidariedade e cooperação.

Não é possível aprofundar nesse estudo, mas analisar os indicadores que evidenciem o papel que o capital social exerceu no processo de desenvolvimento é de extrema relevância para uma compreensão mais completa do desenvolvimento regional.

5 CONCLUSÃO

As mudanças nas relações econômicas mundiais e a ampliação dos mercados, o surgimento de blocos econômicos e a abertura da economia brasileira estão exigindo dos atores econômicos novas posturas. O consumidor está mais exigente, buscando qualidade nos produtos e serviços, os quais pretende adquirir.

As Regiões da Serra Gaúcha e de Mendoza mostram a constante preocupação com o aperfeiçoamento de suas técnicas, a fim de apresentar uma qualidade superior, tanto nas uvas como nos vinhos. Essa atitude vem contribuindo para um desenvolvimento contínuo da região.

Se o benefício do desenvolvimento econômico-social deve ser para todos os indivíduos, a localização do fator humano, bem como, a localização dos recursos e das atividades, os quais encontram-se relacionados com múltiplos aspectos, devem ser considerados para fins de análise de modelos.

Em outras palavras, importa localizar o mais racionalmente possível, de modo que o aproveitamento dos recursos e o benefício gerado para a sociedade sejam os mais elevados, numa ótica de curto, médio e longo prazo. Em suma, as localizações, que acontecem no espaço, condicionam o desenvolvimento regional.

Inúmeros modelos foram desenvolvidos, todos no seu tempo foram aplicáveis, alguns, no entanto, permanecem válidos para a utilização no cenário econômico atual, conforme foi possível verificar ao longo desse trabalho.

Aplicar Cantillon dos dias atuais é verificar que os produtos agrícolas, ainda, continuam sendo produzidos em áreas afastadas dos centros urbanos, chamadas de colônias. As colônias ficam com a parte dos cultivos dos produtos agrícolas enquanto que os centros urbanos exercem a comercialização desses produtos coloniais.

Quanto a Von Thünen, ainda hoje as empresas analisam todos os custos envolvidos, inclusive os de transporte, para decidirem onde localizar sua unidade produtiva. Embora os custos de transporte tenham mudado significativamente, e as infra-estruturas em estradas tenham reduzido as distâncias entre os pólos industriais e os centros de comercialização, as firmas têm quantificados os custos de maneira mais precisa.

Ao considerar Weber nos dias de hoje, sobre minimizar de custos através da localização é muito limitado, pois o mercado se comporta como verdadeira variável. Atualmente, a localização das empresas deve ponderar as características do mercado, pois os consumidores estão dispersos. Esta teoria, hoje, é válida somente para os consumidores próximos da fábrica.

A crítica que se faz à teoria de Christaller é de que a rigidez de suas conclusões, como por exemplo, a homogeneidade das cidades, não está de acordo com o que se verifica no mundo real. Assim como, a pouca importância da indústria no desenvolvimento das regiões.

Quanto ao modelo de Lösch, este veio complementar e flexibilizar o modelo de Christaller. Sua proposição revolucionária sobre a busca pelo maior lucro, ao invés, do custo mínimo, para a determinação da localização da unidade produtiva é verificada nos dias de hoje. Pois como o avanço tecnológico e a melhoria em infra-estrutura minimizaram o problema da

distância, as empresas instalam suas fábricas, onde concluem que obterão maior rentabilidade em seus negócios.

O Modelo de Isard-Moses que trata de todo o centro de custos e não somente do custo do transporte, verifica-se que é aplicável no período presente, visto que a firma negocia seus produtos em múltiplos mercados, tanto nacionais como internacionais, o que torna, geralmente, mais vantajoso instalar-se perto dos fornecedores de insumos do que de um único mercado.

Ao tratar-se de Perroux, a experiência provou que para evoluir da fase estritamente rural para a industrial, de início, deverá haver uma aglomeração de firmas a fim de criarem forças conjuntas para superarem os obstáculos, seja em termos de concorrência, de conhecimentos, de infra-estrutura ou em termos tecnológicos.

A teoria de Hirschman mostra-se tão atualizada, quanto o foi para a sua época. Pode-se verificar que as regiões que não tiveram uma parceria entre o governo e os empreendedores da região, não se desenvolveram. Essas regiões apresentam-se, hoje, como regiões atrasadas e sem perspectivas de crescimento, pois não há políticas públicas eficazes de longo prazo.

Na análise do modelo de Hotelling, verificam-se vários exemplos de aglomeração industrial por competição não-preço existente ainda hoje. Desse modo, uma aglomeração industrial a qual permite uma redução nos custos de produção, em virtude da proximidade dos insumos que aloca, poderá refletir como benefício e não como prejuízo para o consumidor mais distante.

O problema da localização das firmas está sendo explorado com mais aprofundamento pelos modelos da nova geografia econômica. Cabe ressaltar, que o desenvolvimento desse trabalho resultou na constatação de que os modelos acompanham o cenário econômico, ou seja, conforme os mercados se tornam mais complexos, os modelos, também, apresentam-se com um maior número de variáveis. Desse modo, os modelos servem como uma ferramenta importante para analisar o contexto de uma região, com o intuito de criar políticas públicas eficazes para o desenvolvimento regional.

ABSTRACT

The localization of population and economic activities only received an increasing attention in the worldwide literature during the last few years. Such fact put more emphasis on the necessity to give a better understanding to complexity involving the discussion. Since the pioneer's thinkers such as Von Thunen and Weber until the New Economic Geography a hug amount of elements such as the localization of labour force, cost minimization, proximity to the market, and so on were elected as fundamental elements. The present paper had two main aims which are: The first is to compare the regions of Serra Gaúcha - Brazil and Mendoza – Argentina using the evolution of the Regional Economics literature. The second is to analyse the chosen regions willing to identify the particularities and differences, which are able to explain the wine production development.

Key words: Wine production, Spatial localization, Regional models.

NOTAS

¹ Mestranda em Economia do Desenvolvimento – PUCRS. E-mail: Cilane_Vieira@banrisul.com.br

² Mestranda em Economia do Desenvolvimento – PUCRS. E-mail: carlaalbert@hotmail.com

³ Professora do PPGE – PUCRS. E-mail: izete.bagolin@pucrs.br

⁴ Uma apresentação mais completa deste debate pode ser encontrada em Monasterio (2002: p. 11-16)

⁵ “Social Capital refers to the norms and networks that facilitate collective actions. (Woolcock, 2000, p.9)

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DO VINHO. **Américas**. Disponível em: www.e-vinho.com.br. Acesso em: 23 maio 2006.

BRAKMAN, S. GARRETSEN, H. MARREWIJK, C. V. **An Introduction to Geographical Economics**. Cambridge University Press. 2003

CAVALCANTE, L. R. M. T. **Produção Tórica em Economia Regional: Uma Proposta de Sistematização**. Universidade Federal da Bahia. ?

CLEMENTE, A. HIGACHI. H. Y. **Economia e Desenvolvimento Regional**. Atlas. São Paulo. 2000.

COSTA, JOSÉ DA SILVA (coord.) (2002) – **Compêndio de Economia Regional**, edição da APDR. Coimbra.

ANDRADE, M.C. **Espaço, Polarização e Desenvolvimento**. Recife: Editorial Grijalbo, 1977.

FALCATE, I e MANDELLI, F. **Vale dos Vinhedos – Caracterização Geográfica da Região** Caxias do Sul: Educus, 1999.

FONSECA, P.C.D. **RS: Economia & Conflitos na República Velha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

FUJITA, M. KRUGMAN, P. VENABLES, A. J. **The Spatial Economy**. The MIT Press. Cambridge, Massachusetts. London, England. 2000

GOBERNACIÓN DE MENDOZA. **Constitución provincial, información local, agenda cultural y nómina de autoridades**. Disponível em: www.mendoza.gov.ar. Acesso em: 20 maio 2006.

HADDAD, PAULO ROBERTO. Org. **Economia Regional: teorias e métodos de análise**. Fortazela, BNB. ETENE, 1989.

HIGACHI, H.Y. e CLEMENTE, A. **Economia e Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Editoria Atlas, 2000

<http://www.global21.com.br/> acessado em 04/01/2005

INSTITUTO NACIONAL DE VITIVINCULTURA. **Normativa, legislación, cursos de degustación de vinos y actividades por área**. Disponível em: www.inv.gov.ar. Acesso em: 23 maio 2006.

LOPES, A. S. **Desenvolvimento Regional: Problemática, Teoria, Modelos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MCCANN, PHILIP. **Industrial location Economics**. Edward Elgar Publishing Limited. 2002.

MCCANN, PHILIP. **Urban and Regional Economics**. Oxford University Press. 2001.

MENDOZA.COM. **Turismo, arte, cultura y comunidad de la provincia**. Disponível em: www.mendoza.com. Acesso em: 21 maio 2006.

PESAVENTO, J. S. **RS: Agropecuária Colonial & Industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

POLÈSE, MARIO. **Economia Urbana e Regional – Lógica especial das transformações econômicas**. Coleção – APDR. 1998. Coimbra. Portugal.

VIEIRA, E. F. e RANGEL, S. S. **Geografia Econômica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1993